

Concreto é duro e não dança

VICENTE PESSOA

Desde o final da década de 50 a poesia brasileira vive à sombra do Concreto: os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e companhia, influenciaram as gerações posteriores e, contrariando séculos de história, a poesia brasileira contemporânea aproxima-se mais das artes gráficas que da música, abrindo mão da métrica (lição dada por alguns modernistas), da rima, do desenvolvimento no tempo, dos sons, do ritmo, da fala.

Hilda Hilst, Bruno Tolentino e Alberto da Cunha Melo existiram, mas o que consta nos livros de literatura da quarta série primária e os professores indicam na faculdade de design e comunicação são as imagens-texto, as palavras para serem vistas, as traduções de Eisenstein feitas por Haroldo e os textos de semiótica de Pignatari.

"A poesia concreta era um ataque à produção poética da época, dominada pela geração de 1945, a quem os jovens paulistas acusavam de verbalismo, subjetivismo, falta de apuro e incapacidade de expressar a nova realidade gerada pela revolução industrial." (1) Muito conscientes da nova realidade gerada pela revolução, os jovens paulistas agiram como os jovens russos: certos de que possuíam a verdade nas mãos e a humanidade inteira não, proclamaram aos ventos que faziam o novo, o moderno, o concreto. Poesia não é importante, ninguém nunca presta atenção, deu certo. (O consolo é que má poesia não mata milhões.)

Em 2007 o Instituto Tomie Othake e o Palácio das Artes abrigaram a exposição "Poesia Concreta – o projeto verbivocovisual" e Santa Rosa, secretária de cultura de Minas Gerais, disse que o "movimento da poesia concreta é um dos pilares da poesia brasileira do século XX." Quem almeja patrocínio governamental diga amém: -Amém.

Este ano a primeira Bienal Internacional de Poesia de Brasília homenageia Wladimir Dias-Pino, pesquisador visual, poeta concreto (no início da obra), poeta de processo, um tico arrogante em sua juventude como se pode ler em "Processo: Linguagem e Comunicação", teórico do poema/processo e, hoje, octagenário. Wladimir sabe que processo não é poesia. E que letras e palavras, coloridas-partidas-torcidas, não se tornam de pronto poesia.

Existem sim boas piadas e bons jogos, mas não lembro-me de um verso bom. Tenho memória fraca. Retiro as brincadeiras e pergunto: existiria outra solução para um poeta que rima /tumba/ e /catacumbas/, no mesmo poema (2)?

"Talvez esse neobarroco, que poderá corresponder intrinsecamente às necessidades culturmorfológicas da expressão artística contemporânea, atemorize, por sua simples evocação, os espíritos remansosos, que amam a fixidez das soluções convencionadas." (3) Apesar das palavras difíceis, o discurso é fácil: a fixidez, o conservadorismo, a experiência acumulada em séculos, são tratados como se fossem nada perto da grande iluminação intelectual destes senhores, hoje, até mortos. Ao escrever esta frase em seu texto "A obra de arte aberta", Haroldo de Campos optou pelo caminho fácil: cunhar aos dissonantes a imagem de retrógrados, de anti-revolucionários, como se este fato fosse negativo, em uma retórica há muito sabida por todos: atacar as convicções políticas para triunfar intelectualmente.

VIVAS? VAIAS? (4) Quem puxa o coro?

1- Sergius Gonzaga : Poesia Concreta

2- Augusto de Campos, Tour, 1994: Augusto de Campos

3- Haroldo de Campos, a obra de arte aberta, 1955. Textos e entrevistas - poetas concretos

4- Augusto de Campos, VIVA VAIA, poesia concreta já "clássica".